

REFERENCIAÇÃO E LETRAMENTO MIDIÁTICO

Ana Rosa Vidigal Dolabella
Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH)

“(...) no meu discurso, eu invento a minha própria situação de discurso”
(Ducrot, 1984)

Resumo

A partir do estudo da referenciação do acontecimento midiático, como a compreensão de estratégias textuais-discursivas de construção do discurso informativo, pensa-se a intervenção nas práticas educativas de leitura da comunidade escolar em geral com vistas a potencializar a formação de educadores para o desenvolvimento da consciência crítica nas aulas de leitura do jornal em sala. A ação comunitária, a interdisciplinaridade e a formação educativa para a leitura da mídia são aspectos centrais do trabalho, que visam a formação para a cidadania e evidenciam a contribuição de diferentes áreas do conhecimento para a efetiva produção da leitura viva e transformadora do jornal.

Palavras-chave

Letramento midiático, referenciação, estratégias discursivas

DESCRIÇÃO DO OBJETO

Este trabalho trata dos processos de referenciação na perspectiva do letramento midiático. Buscamos abordar os elementos envolvidos na referenciação em textos noticiosos da imprensa escrita brasileira no que concerne ao reportar do acontecimento (como dito ou como feito). Esses elementos de referenciação no discurso jornalístico noticioso são evidenciados com a finalidade de se pensar o uso de estratégias textuais, interacionais e sócio-cognitivas e sua abordagem em uma proposta de educação para a mídia, ou letramento midiático.

OBJETIVOS

É possível “ler” o texto noticioso com uma consciência lingüístico-discursiva mais apurada e, conseqüentemente, para uma consciência crítica mais decisiva do contexto histórico-social em que se vive e em que se atua?

É possível “formar” professores da educação básica nessa perspectiva discursiva e sócio-interacionista de letramento midiático, na interseção das ciências da linguagem e da educação?

O objetivo central deste trabalho é compreender estratégias textuais do discurso jornalístico que atuam na construção do simbólico pela referenciação do acontecimento-fonte na notícia da imprensa escrita de referência.

Outros objetivos são nosso alvo: compreender o processo de referenciação como parte do discurso informativo; conhecer as estratégias textuais do discurso jornalístico para aprimorar programas de formação de professores para uma leitura mais crítica da mídia impressa, constantemente trabalhada em sala de aula, mas muitas vezes desconhecida pelos próprios professores; favorecer um aprimoramento de ações educativas para a mídia.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Nossa proposta se apresenta da seguinte forma: em um primeiro momento, tratamos da questão da referenciação e do referente na perspectiva de Ducrot (1984), Mondada (2003) e Koch (2005). Em seguida, retomamos a discussão da concepção clássica de referente e retomada em Marcuschi (2005) e a proposta de representação de sentido em Apothéloz (2003). Após, tratamos da metadiscursividade em Jubran (2005), do discurso como objeto-de-discurso e dos diferentes elementos referenciais da enunciação. No nosso foco, a construção da referenciação na notícia a partir do discurso sobre o acontecimento e do discurso sobre o discurso (metaenunciação).

Posteriormente, tratamos da análise de dois textos noticiosos, que apresentam suas particularidades específicas para este trabalho: uma notícia dita “clássica” no jornalismo, já que apresenta a estrutura clássica desse tipo de gênero jornalístico, baseada fundamentalmente no lide; a notícia “não-clássica”, ambas extraídas do jornal *Folha de S. Paulo*.

A idéia de referente que assumimos neste trabalho é aquela evidenciada por Ducrot (1984): o referente é a orientação do *dizível* (palavra/discurso) em relação ao *indizível* (mundo/objeto). Dessa forma, o referente se coloca como uma representação discursiva. “O referente de um discurso não é assim, como por vezes se diz, a realidade mas sim a *sua* realidade, isto é, o que o discurso escolhe ou institui como realidade” (p. 419). Essa noção é importante para pensarmos a representação de fatos e feitos na mídia em geral, e no discurso informativo impresso.

A perspectiva que adotamos para tratar da caracterização de ditos e feitos no texto noticioso da imprensa escrita de referência é a da referenciação, adotado em Mondada (2003). Nessa perspectiva, a questão que se coloca na representação do mundo pelo homem é a de “como as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas estruturam e dão um sentido ao mundo” (p. 20).

A abordagem proposta é de uma visão textual-discursiva, interativa e sociocognitiva do fenômeno da referenciação, ao tratar não apenas das categorias diretamente ligadas ao problema da referenciação (dêixis e anáfora), como tradicionalmente são compreendidas, mas ampliando esses conceitos de retomada e

referente pela categorização/metadiscursividade do objeto-de-discurso em questão neste trabalho. Assim, assumimos a perspectiva de “construção construtivista da referência” (Koch, 2005:33), em que os interlocutores estejam comprometidos com o processo de construção do próprio real e se percebem co-construtores nesse processo.

No caso da notícia, ela se constrói na categorização do fato, no caso, do dito, da declaração ou do feito de alguém. Os elementos referenciais no texto noticioso vão recategorizando e particularizando esse objeto-de-discurso que é o fato/dito relatado. Entre esses elementos, percebemos dêixis e anáforas. No entanto, percebemos esses termos em uma amplitude de seus conceitos tradicionais em elementos referenciais. Segundo Marcuschi (2005:55), “originalmente, o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Hoje, na acepção técnica, anáfora anda longa da noção original e o termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”.

Neste trabalho, ao considerarmos o processo de referenciação como um trabalho inferencial no contexto das relações sociocognitivas e não apenas pela força dos conteúdos lexicais em questão (Marcuschi, 2005:76), não procuramos distinguir dêixis e anáforas, mas talvez deixis e não-deixis, como propõe Apotheloz¹ (2003:53-84), para evidenciar, neste trabalho, a diferença entre elementos que indicam e elementos que remetem a categorizações do objeto-de-discurso.

Esse objeto-de-discurso de que trata a notícia, ou seja, o dito ou o feito de alguém, não se apresenta como uma correspondência biunívoca entre palavras e falas ou ações do real para o papel impresso no jornal. Constitui-se, como dissemos anteriormente, em um processo contínuo de negociação entre interlocutores, construído na e pela interação. Constitui-se também de diversos elementos que traduzem fatores da atividade enunciativa que podem ser instaurados como referentes textualmente (Jubran, 2005:221). Esses elementos categorizam e recategorizam referentes fontes no texto, permitindo uma progressão referencial essencial à compreensão do mesmo. Isso pressupõe uma perspectiva de anáfora e dêixis voltada para a metadiscursividade, no caso da notícia, e para a metaenunciação. Desta forma, o dito (ou o feito) é objeto-de-discurso e os elementos que o (re)categorizam fazem parte da representação da enunciação fonte do real reportado pelo jornal. Esses elementos o retomam e o modificam no processo de referenciação.

ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

Texto 1

“No discurso jornalístico, o acontecimento constitui o referente de que se fala” (Rodrigues, p. 27). Em textos jornalísticos noticiosos, a fala de outrem pode ser o próprio acontecimento/fato que se fala ou ainda ser parte deste acontecimento. No processo de referenciação, o discurso relatado é objeto-de-discurso, que se apresenta de diferentes formas no texto noticioso: como citações (trecho transcrito na íntegra e marcado pela presença de aspas); como ilhas de aspeamento (palavras ou expressões transcritas da fala de outrem); como parafraseamento em discurso

¹ “As expressões linguísticas cuja interpretação se apóia nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação são chamadas de deiticas” (p.66).

indireto ou em expressões introdutórias (como *Conforme*, *Segundo*, *De acordo com...*); e ainda, mesmo que menos comum, como discurso indireto livre (Dolabella, 1999).

Tomemos aqui o discurso relatado na modalidade de **citação** em textos noticiosos impressos e na imprensa brasileira de referência. Esse objeto-de-discurso (**O que foi dito**) se organiza na tessitura da mídia noticiosa impressa através de outros elementos de referenciação determinados por:

- **Quem disse** (fonte)
- **Onde e Quando disse** (espaço/tempo)
- **Como disse** (modalização do verbo dizer/verbos *dicendi*)
- **Por que disse** (circunstâncias/co-texto)

Diferentes funções referenciais têm os diferentes elementos de referenciação apontados acima. Vejamos o exemplo retirado do Jornal *Folha de S. Paulo*, em 28 de março de 2006, no caderno Cotidiano, página C3, na notícia intitulada **Estado intervém, e PM libera corpos no IML** (retranca: **Pernambuco**; antetítulo: *Polícia Civil, responsável pelo instituto, está em greve; local pode conservar 33 cadáveres, mas estava com 65*).

Nessa notícia, o que é dito pelos entrevistados ou o discurso relatado em forma de citação apresenta marcas de referenciação próprias do *projeto de dizer* do jornal/jornalista e da mídia impressa em geral. Diz respeito ao efeito de credibilidade (Charaudeau, 1997) previsto no contrato midiático (idem, *ibidem*) e se traduz pelas marcas [] e pela expressão nominal anafórica que retoma o pronome pessoal que as antecede.

Vejamos do 6º ao 8º. parágrafos da notícia:

1. *Após determinar a ocupação do IML, o governador deu uma declaração a uma rádio local chamando os grevistas de terroristas. “É uma coisa inadmissível, negociar com corpos, com cadáveres. **Eles [os grevistas]** são piores que terroristas, pois esses, quando matam, ainda devolvem os corpos”, disse Vasconcelos, que requereu legistas da PM e do Exército para liberar os corpos.*
2. *De acordo com o presidente da Associação Pernambucana de Medicina e Odontologia Legal, Cleidenaldo Santos, o governador violentou o estado de direito ao determinar a intervenção. “Tanto bandido solto por aí, **eles [policiais militares]** deveriam estar prendendo bandido”, afirmou.*

Assim, percebe-se tanto em **1** quanto em **2** que as citações são mantidas em sua provável forma original, indicando uma transcrição literal da fala de outrem pelo uso das aspas e, além disso, pelo uso das marcas []². No discurso jornalístico, [] indicam que a expressão que envolvem assume a co-referenciação de elementos que as antecedem; a expressão não foi explicitada no discurso de origem, mas que foi acrescentada pelo enunciador/jornalista no texto noticioso. A referenciação, nesse caso, indica ao leitor a preocupação do enunciador (jornal/jornalista) em apresentar

² “Ao introduzir informações em declarações textuais, use colchetes para deixar claro que se trata de inclusão da Redação”. ((*Manual da Redação Folha de S. Paulo*, 2002: p. 39)

dados próximos àqueles apurados no momento do acontecimento ou do fato relatado.

Percebe-se, dessa forma, que a intenção de efeito de credibilidade³ próprio do contrato midiático é assumido pelo(s) enunciador(es) em questão nas duas marcas textuais (aspas e []) através do elemento de referenciação de **O que foi dito**.

Quanto aos elementos referenciais espaço-temporais **Onde e Quando disse**, vale a pena ressaltar as particularidades que envolvem o gênero em questão. No texto noticioso, o enunciador/jornalista desenvolve um processo de referenciação baseado em expressões nominais que remetem à data do jornal, portanto, ao momento suposto em que leitor estaria em interação com o texto. Esse momento seria no dia cuja data consta na edição do jornal, e que, normalmente, corresponde ao dia seguinte da produção e da impressão do texto. Isso se deve ao caráter efêmero do veículo informativo, já que se propõe diário e continuamente atualizado em relação ao relato de fatos/acontecimentos.

Dessa forma, temos no exemplo abordado:

3. *A sede do IML (Instituto Médico Legal) de Pernambuco, em Recife, foi ocupada por 50 homens da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado, **na madrugada de ontem**.* (lide da notícia/ 1º. Parágrafo)
4. ***No final da tarde**, grevista e governo entraram em acordo. A PM desocupou **as dependências do IML** sob o compromisso de que fossem liberados 20 corpos por dia, mesmo **durante a paralisação**.* (9º. Parágrafo)
5. *A adesão dos delegados ocorreu **na sexta-feira**, após uma assembléia da categoria. **Na manhã de ontem** os grevistas realizaram uma passeata **pelas ruas de Recife até o Palácio do Governo**.* (11º. Parágrafo)

Como podemos observar em relação aos elementos referenciais temporais (em 7, 8 e 9), uso de dêiticos (**Na manhã de ontem; na madrugada de ontem**), segundo a classificação apresentada por Apotheloz (2003), convive com o uso de anáforas (**na sexta-feira; No final da tarde; durante a paralisação**). Essa particularidade se justifica, no discurso jornalístico noticioso, pela necessidade de buscar um efeito de atualidade (dêiticos), mas também a necessidade de marcar o distanciamento do tempo em que o fato ocorreu do tempo da enunciação do enunciador/jornalista (anáforas), que pressupõe o relato.

Quanto aos elementos referenciais de lugar (em 7, 8 e 9), a necessidade de se buscar uma referenciação baseada nas indicações de cidade (**Recife**) e estado (**Pernambuco**), sem especificar o nome das ruas (**pelas ruas de Recife**), por exemplo, parece mostrar a intenção do enunciador/jornalista em considerar seu leitor um cidadão brasileiro, de qualquer parte do país, não apenas morador da cidade e no estado onde o fato noticiado ocorreu.

Texto 2

³ "Reproduzir declarações textuais confere credibilidade à informação, dá vivacidade ao texto e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia" (*Manual da Redação Folha de S. Paulo*, 2002: p. 39)

A notícia em questão trata da série de manifestações contra políticas públicas envolvendo a questão da imigração e dos jovens filhos de imigrantes na França. Esses eventos são retomados na notícia em relação a outros de revolta e violência que aconteceram na região parisiense (França) no ano anterior. A análise procurou focar os elementos referenciais de tempo na notícia. Segundo Apotheloz (2003:66-67), consideram-se deíticos os elementos que indicam o tempo ou o lugar, e não-deíticos os elementos que se referem a tempo e/ou lugar. Por exemplo, na notícia em questão, temos o termo “ali” como dêitico e o termo “em Clichy-sous-Bois” como não-deítico, ainda que se refiram ao mesmo lugar.

Na notícia, encontramos os termos temporais:

- *ano passado/ últimos anos/ atual*
- *em outubro/ naquela ocasião*
- *ontem/ terça-feira passada/ às 11h30 da manhã/ dias depois*

De acordo com a classificação apresentada em Apotheloz, dos dêíticos, fazem parte: *ontem/ ano passado/ terça-feira passada/ nos últimos anos*.

Também de acordo com a classificação apresentada em Apotheloz, os não-deíticos seriam: *em outubro/ naquela ocasião/ às 11h30 da manhã/ dias depois*.

O que podemos perceber do uso de dêíticos e não-deíticos na notícia em questão? Para efeito jornalístico, é desejado que o jornalista-enunciador apresente seu relato de acontecimentos na perspectiva de proximidade, quando evidencia sua presença no lugar e no tempo em que decorrem os acontecimentos dos quais relata. Por outro lado, para efeito jornalístico também, é desejado que o jornalista-enunciador apresente seu relato de acontecimentos na perspectiva de distanciamento, quando não evidencia sua presença no texto, através da busca da objetividade no relato.

Assim, proximidade e distanciamento do acontecimento-referente se alteram no texto jornalístico noticioso. Assim, alternam-se os usos de dêíticos e não-deíticos no texto em questão, como podemos observar quando o jornalista se refere a *outubro* em contrapartida a *ano passado*; ou quando se refere a *dias depois* ao retomar *ontem* ou *terça-feira passada*.

O uso de dêíticos e não-deíticos nessa situação favorece ao intercâmbio dos “efeitos” de proximidade e de distanciamento no discurso jornalístico noticioso. Dêíticos apontam, mostram a presença do jornalista/jornal que relata o acontecimento. Não-deíticos mencionam, mostram a presença do acontecimento que é relatado pelo jornalista.

A esses efeitos de sentido, Apotheloz chama de “representação do sentido construído pelo texto” (p. 59). Outros elementos de referenciação também seriam objeto de estudo na questão da proximidade e do distanciamento. Vejamos quando, na notícia, o jornal/jornalista é mencionado concretamente e denominado por “Folha”, na perspectiva da proximidade: o jornal enviou o jornalista pessoalmente para ver/ouvir os acontecimentos e transmitir-lhes diretamente seu relato aos leitores (sem passar por outras fontes como agências de notícias ou outras fontes como os próprios jornais da França, por exemplo).

Apotheloz também discute a questão da “referência opaca” (p. 65-66). Esse conceito é significativo para nossa análise. Os verbos *dicendi* são os principais fatores de opacidade contextual, na opinião desse autor. Por opacidade referencial, entende-se um fator gerador de ambigüidade. “Para o destinatário, trata-se com efeito, de determinar se os conteúdos denotados pela expressão envolvida (conteúdos que permitem identificar o referente) refletem o ponto de vista do relator

ou o da pessoa cujos propósitos, opiniões, etc são relatados. Pode tratar-se da própria compreensão das intenções do enunciador” (p.66)

A questão é: seria possível, em um processo de referenciação, em qualquer ordem, proceder a distinção do que é real e do que é construído, como parece propor o comentário citado acima? Na perspectiva da mídia, portanto, e do processo de referenciação no qual nos baseamos, a resposta é não.

Além disso, existe, para Apotheloz, a interferência do “valor de verdade da proposição”. Sabemos que, para o discurso jornalístico, o valor de verdade é crucial. Acreditamos, de acordo com a análise referencial acima na notícia em questão, que esse valor de verdade na mídia impressa noticiosa, especificamente, se baseia nos valores de objetividade e de autenticidade, nos efeitos do distanciamento e da proximidade, respectivamente, que a escolha do uso de dêiticos e dos não-dêiticos favorece a esse discurso.

PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

A questão do processo de referenciação do texto noticioso é significativa, ao nosso ver, para a compreensão do discurso jornalístico e suas dimensões características. Nessa especificidade, ressaltamos a questão da educação para a mídia, através da possibilidade de uma formação de agentes de letramento para uma leitura crítica dos meios de comunicação, neste trabalho, a imprensa escrita.

A questão do “efeito de credibilidade” que percebemos nas análises de notícias ou textos noticiosos, neste trabalho, no que se refere a estratégias textuais de referenciação, está ligada ao efeito de objetividade e ao efeito de autenticidade promovidos nesse gênero de discurso jornalístico. Proximidade e distanciamento são “representações de sentido” que constroem a referência do objeto-de-discurso na notícia, seja do discurso de outrem, o dito, seja no feito de outrem, a ação.

A esse respeito, duas considerações de Charaudeau (2005) a respeito do discurso midiático são levadas em conta aqui: “efeito de verdade” e a noção de contrato de comunicação.

Sobre o “efeito de verdade”, Charaudeau o distingue de “valor de verdade”. Em relação à mídia, refere-se ao “parecer verdadeiro”, juntamente com o “ser verdadeiro” (Lage, 1986). “O efeito de verdade tende mais para o lado do ‘acreditar verdadeiro’ do que para o ‘ser verdadeiro’. (...) Contrariamente ao valor de verdade que se apóia sobre a *evidência*, o efeito de verdade se apoia sobre a *convicção* (...) O efeito de verdade não existe, assim, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial no qual cada um dos parceiros da troca de fala tenta fazer o outro aderir a seu universo de pensamento e de verdade. O que está em jogo aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas da busca de ‘credibilidade’, isto é, aquilo que, no fim das contas, determina o ‘direito de fala’ dos seres comunicantes e as condições de validade dessa interlocução” (*tradução nossa*, 2005:37).

Para Charaudeau, cada tipo de discurso modula seus efeitos de verdade de uma maneira particular. O discurso informativo modula esses efeitos pelo “valor notícia” (Motta, 1997), pelos traços psicológicos e sociais daquele que informa e pelos meios que o informante/jornalista articula para provar a verdade da informação.

Esse último aspecto diz respeito diretamente aos elementos de referenciação tratados neste trabalho.

Aos elementos de referenciação, tomamos igualmente os elementos de inferenciação. A partir da concepção de contexto assumida por Assis (2002:20) e baseada em Marcuschi (1994b) e Nystrand & Wiemelt (1991), aceitamos que “um texto é explícito quando fornece informações suficientes para que o destinatário possa identificar o quadro referencial para sua interpretação, o que leva à realidade de que nem tudo é dito/explicitado verbalmente em um texto, na medida em que as inferências, pressupostos, subentendidos e intenções – que compõem o quadro do implícito em um texto – estão relacionados às condições cognitivas de interpretação do leitor/ouvinte e às estratégias de verbalização do produtor, num constante processo de negociação”.

Dessa forma, produzir sentido em uma interação a partir de um texto, como no nosso trabalho o texto noticioso, ainda de acordo com Assis (2002:22-23) “não é, portanto, um aspecto vinculado à língua ou à modalidade, e sim resultado de um jogo coletivo. Aceitas essas idéias, é possível entender, como esclarece Koch (1997), ao discorrer sobre os procedimentos de referenciação, que, mesmo que não estejam explicitadas verbalmente, determinadas informações são inferidas com o apoio dos referentes estocados na memória dos interlocutores –, desde que ativados por pistas deixadas na superfície textual. Daí se entende por que se pode afirmar que um texto diz mais do que diz, ou seja, revela mais do que nele se verbaliza”.

Assim, nas palavras de Assis (2002:26), “o produtor deverá decidir sobre o que necessita ser explicitado textualmente e o que pode permanecer implícito, uma vez que poderá ser recuperado pelo ouvinte através de inferenciação”. As idéias de explicitação e de implicação apresentam-se na perspectiva do texto/contexto, no nosso caso do discurso midiático impresso, e vinculam-se, no nosso ponto de vista, aos efeitos de sentido ou estratégias do discurso informativo.

Segundo Assis (2002:26), “realmente parecem ser estratégias textual-discursivas, submetidas às regras de funcionamento do gênero acionado e condicionadas a aspectos da dimensão sociossubjetiva que moldam a ação do produtor, tais como seu projeto discursivo, a relação que mantém com o destinatário, a imagem que possui dessa relação, do destinatário e de seu papel no evento em curso e, finalmente, a sua experiência com situações de uso do gênero”. A idéia proposta da referenciação atuando juntamente com a inferenciação na construção do sentido do texto de forma colaborativa aponta para a percepção do contrato de comunicação proposto por Charaudeau.

Quanto ao contrato de comunicação, Charaudeau o compreende como um tipo de acordo prévio entre os interlocutores a partir de dados de um quadro de referência de uma determinada situação de comunicação. “A situação de comunicação é como uma cena de teatro, com suas limitações de espaço, de tempo, de relações, de falas, sobre a qual se realiza a peça das trocas sociais e o que lhes confere o valor simbólico” (*tradução nossa*, 2005). Segundo esse autor, o contrato de comunicação é um contrato de reconhecimento das condições de realização do tipo de troca linguageira na qual os interlocutores estão engajados e resulta das características próprias à situação de troca.

A formação de professores para uma leitura eficaz que busque identificar estratégias textuais-discursivas no discurso informativo está no foco, ao nosso ver, para uma educação para a mídia realmente efetiva e que deveria, também em nossa opinião, constituir os temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares

Nacionais. Conhecer os elementos de referenciação e as condições de inferenciação propostos na situação de comunicação com a qual se lida, é mais do que “ler nas entrelinhas”, interpretar e compreender, concernentes às competências leitora e produtora de texto. Isso diz respeito, em um sentido mais abrangente, à leitura de mundo e à construção da autoria do sujeito em formação para a cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHELOZ, Dennis (2003). Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In Cavalcante, M.M. & Rodrigues, B.B. **Referenciação**. São Paulo: Contexto.

ASSIS, Juliana Alves (2002). **Explicitação/implicação no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica: contribuições para o estudo das relações oralidade escrita** (Tese, Doutorado em Lingüística). Belo Horizonte: FALE/UFMG. 281p.

BAHE, Marco, RONDON, José Eduardo. Estado intervém, e PM libera corpos no IML. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28/03/2006. Cotidiano, C3.

CHARAUDEAU, Patrick (2005). **Les médias et l'information – l'impossible transparence du discours**. Bruxelles: De Boeck Université.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal (1999). **O discurso relatado na imprensa brasileira – jogo de estratégias de apropriação de vozes e de construção de efeitos**. (Dissertação, Mestrado em Lingüística). Belo Horizonte: FALE/UFMG. 378p.

DUCROT, Oswald (1984). Referente. In: **Enciclopédia Einaudi: linguagem e enunciação**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.2

JUBRAN, Clélia Spinardi. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.V., MORATO, E.M. e BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo, Contexto. P. 219-242

KOCH, Ingedore (2005). Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I.V., MORATO, E.M. e BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo, Contexto. p. 33-52

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1987.

MANUAL DA REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO. Publifolha, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2005). Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.V., MORATO, E.M. e BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo, Contexto. P. 53-102

MONDADA, Lorenza & Dubois, Daniele (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In Cavalcante, M.M. & Rodrigues, B.B. **Referenciação**. São Paulo: Contexto.

MOTTA, Luiz Gonzaga (1997). Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (orgs). **O Jornal, da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15. p.305 a 319.

RODRIGUES, Adriano Duarte (1993). "O acontecimento". In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega.

VICTOR, Fábio. França faz jornada de protestos, mas periferia segue alheia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28/03/2006. Mundo, A15.